

CAPÍTULO 1

UMA INESPERADA CONVOCAÇÃO

Muito respeitador, o polícia fez uma continência solene, no portão da entrada, e veio depois, pesado e escuro, rebuçado num vasto capote de pele, em direcção à estufa, fazendo rechinar a neve debaixo das botas.

Ruppert, contrariado, pôs de lado o podão sobre o vaso de petúnias e correspondeu molemente aos cumprimentos do homem que agora assomava à porta da estufa e lhe estendia um sobrescrito timbrado. Cuidou que se tratava de mais uma multa ou de qualquer formalidade burocrática e maçadora, e recebeu o sobrescrito com algum enfado.

Mas o homem ficava-se ali, plantado, quase em sentido, à porta da estufa, com ar de quem esperava resposta, de maneira que Ruppert o mandou entrar e desfez o laço, curioso de saber o que dispunha a Administração.

Era afinal uma missiva de Hermann Ossip, muito amável, garatujada apressadamente. Depois de se des-

culpar por os seus afazeres não propiciarem um contacto mais frequente («...e que saudades, meu caro Ruppert, que saudades...»), Ossip felicitava-o pelo lançamento do seu último trabalho sobre o «*poltergeist*» (ele escrevia «*Mouldergeist*»), tranquilizava-o sobre a maneira insólita como estabelecia o contacto, e rematava assim:

«Agradecia, pois, a tua imediata comparência no meu gabinete, Procuradoria Geral, para tratarmos, informalmente, de certo assunto de muito melindre. Poderás aproveitar o transporte do portador.

Recomendações a Eva, etc.»

Para Ruppert aquela carta apresentava vários motivos de estranheza: para além de se recomendar a Eva, com quem Ruppert já não vivia havia mais de cinco anos, e da confusão distraída sobre o título do livro, Ossip quase lhe exigia, apesar da urbanidade do trato, que se apresentasse na Procuradoria ao sábado.

Com gestos bruscos de impaciência, despiu o avental. Depois, de mau modo, pediu ao agente que esperasse na estufa enquanto mudava de roupa.

Dez minutos mais tarde, circulava pelas ruas cobertas de neve, os ouvidos aturdidos pelo sibilar da sirene, o pensamento ainda inquietado pelo vago tom amarelecido que começava a tingir as folhas das suas petúnias: seria praga?

Hermann Ossip recebeu-o com apertos de mão desmedidos, excessivos, à porta do seu gabinete, num corredor infindo que circundava o último andar da Procuradoria, e fê-lo entrar, com uma exuberância ruidosa. Uma enorme janela, mesmo por detrás da secretária de Ossip dava sobre a cidade, acachapada debaixo do interminável nevão, a perder de vista.

Enquanto Ossip, acendendo meticulosamente um cachimbo polido, expendia frases de circunstância, Ruppert, recostado numa poltrona de couro, nova em folha, procurava situar-se no meio de tudo aquilo: a convocação, o gabinete, o fraseado jovial de Ossip...

— Terei feito alguma? — pensava, olhando de soslaio as pastas acumuladas sobre a secretária. Mas não, Ossip seria decerto mais severo. Faria grandes silêncios, derribaria o sobrolho, exibiria um ar carrancudo ao acender o cachimbo... e era vê-lo, agora, ovante, atirando gestos para o ar:

— E lembras-te de quando lançámos detergente no lago dos patos de Dubrechenko?

Ora ali estava o condiscípulo Ossip, agora velhorro e anafado, papada descaída a dimensionar-lhe as palavras, a antiga cabeleira ruiva volvida em lanugem esparsa, de um pardo sujo, as mãos sapudas pontilhando gestos pequeninos no ar, a falar de tropelias juvenis, a lembrar o afogamento dos cisnes (não eram patos, eram cisnes, garantiria Ruppert) e as maldições raivosas do guarda do jardim, calçando à pressa as galochas para ir em socorro dos bichos...

Ruppert recordava vagamente o jovem esguio, de grande juba romântica que, na noite da formatura, abraçado às estátuas do palácio do Madrevich, recitava, chorando, entre baforadas de genebra:

— *Ah, que no meu poema não haverá vates/ que ton-tos remiram as cidades expostas/ nem pássaros azuis a deleitar vossas excelências...*

Tinha subido muito na vida, Ossip, depois da produção daqueles péssimos versos. Casara com Tânia, a jovem mais bela da universidade, que todos os outros re-

questavam sem êxito, e prosseguira uma carreira sempre segura, sempre ascendente, sempre determinada. Ali havia chegado, ao vigésimo segundo andar daquele edifício, e agora fitava Ruppert, complacente, de braços cruzados sobre o ventre redondo:

— Ora bem, meu caro, fica sabendo que tive muito boas referências do teu último livro, sobre os fenómenos de Zondergeist.

— Poltergeist.

— Claro! Digo-te mesmo — e Ossip, inclinando-se para diante assumiu uma postura confidencial, baixando a voz — que *«lá em cima»* pareceu, digamos, mais positivo que aquela tua outra obra sobre *«Conflitos de Gerações»*.

— As *«Tensões etárias»*?

— Isso! O tal que, na altura, foi considerado como tendo um forte pendor, por assim dizer, pessimista...

Ruppert fixava o antigo quadro a óleo que quase cobria uma das paredes, em que camponesas radiantes dispunham abóboras gigantescas sobre a roda traseira de um tractor. Tânia, a bela Tânia, tantos anos volvidos... que seria feito de Tânia? Não quis perguntá-lo a Ossip, antes o interrompeu com alguma rudeza:

— Olha, não foi, com certeza, para me falares dos meus livros...

— Não, não, decerto... — E Ossip demorou-se a espreitar em vão o cachimbo apagado. Depois, de repente:

— Conheces Gnoseogrado?

Gnoseogrado, a cidade-modelo, a cidade-piloto, o santuário perfeito da ciência, erigida no fim do mundo, resguardada dos Invernos gelados pela sua cúpula transpa-

rente, protegida dos contactos espúrios pela imensidade das distâncias. Ruppert confirmou que tinha estado alguns dias em Gnosegrado, anos atrás, para uma série de conferências, a convite do seu amigo Rudnau, director do Instituto de Ciências Humanas.

— Conheço muito bem o Rudnau — atalhou Ossip — bom tipo, um tanto sonhador, mas bom tipo...

— Ossip, e se te deixasses de rodeios e fosses ao ponto?

Ossip voltou a concentrar-se no cachimbo, aplicadamente, sacudiu-o, separou-o em duas peças, olhou com atenção os resíduos de tabaco na chaminé. E, depois, baixando o tom de voz:

— Ruppert, meu velho, vais ter de partir para Gnosegrado. Já te arranjei uma guia para o avião de Blossnaia e...

Ruppert remexeu-se no sofá com desconforto e cortou a explicação de Ossip com um gesto firme de dedo espetado:

— Olha, em primeiro lugar devo dizer-te que não cabe nos meus planos nenhuma deslocação a Gnosegrado nos tempos mais próximos. Mas talvez não valha a pena prosseguires porque te vou pôr ao facto de uma decisão minha, já muito antiga, que não tenciono, em nenhum caso, revogar: eu não viajo de avião, nem nessas porcarias estratosféricas que agora há. Percebes? De avião, nem pensar...

Ossip sobressaltou-se e olhou-o com um ar de profundo espanto, tão vincado que chegava a ser cómico:

— Tu não andas de avião? Mas como é que já foste a Gnosegrado?

— De comboio, meu caro. Primeiro de comboio, depois de camião...